

MUSEU HISTÓRICO DE MARICÁ

MIGUEL PADILHA

Presidente Mirim do Instituto Histórico, Geográfico e
Ambiental de Maricá - IHGAM

PREFEITURA DE MARICÁ

Ano 2008

Alternativa que deu
certo

Visita de
Darwin e outros
cientistas à
Maricá

INCUBADORA DE INOVAÇÃO SOCIAL EM CULTURA
Qualifica a partir dos 10 anos de idade



Editorial

Nesta segunda edição a Revista Eletrônica do Museu Histórico de Maricá traz a juventude maricaense que faz história.

O jovem Miguel Padilha, presidente do Instituto Geográfico e Histórico de Maricá - IGHAM, surpreende com o conhecimento abarcado nesses seus 11 anos de vida. Atualmente se encontra debruçado na construção de seu livro sobre a Abolição no Brasil, do qual brinda o leitor com um de seus textos.

E como a vez é das crianças Ingrid uma jovem residente em Maricá, deixa sua impressão de luta para combater o racismo e preconceito, conta 12 anos de idade, é desportista nas horas de lazer, propõe paz, amor e igualdade.

Crianças, futuro do Brasil e de Maricá, para elas, dentre outros incentivos, chega a Incubadora Social de Inovação em Cultura, oferecendo diversos cursos, por exemplo, preparação para jovens cujo sonho seja participar do carnaval como profissionais mirins.

E mais, o cidadão maricaense, desde de 2008, quando acreditou que era a vez e a hora de eleger um Prefeito que trazia "um modelo e filosofia de governo, radicalmente diferenciado dos que até então tinham governado o Município", é sentida a mudança nos diversos campos. . Pode-se considerar que chegou uma nova era administrativa, em Maricá. A realidade da cidade tem sido outra na economia, cultura, saúde, desporto., educação, segurança.

Em capítulos a Revista Eletrônica do Museu traz do livro do Professor Cezar Brum as mudanças ocorridas na cidade.

Fátima Moura
Jornalista

DEFINIÇÃO ESTRATÉGICA DO MUSEU HISTÓRICO DE MARICÁ - MHM

MISSÃO

Produzir, sistematizar, preservar e divulgar o conhecimento sobre o Município de Maricá, fomentando reflexão e a conscientização de toda a comunidade, contribuindo assim. Para a transformação e o desenvolvimento da cultura maricaense.

VISÃO

Tornar-se um Museu de Cidade que reflita a complexidade e a diversidade do Município de Maricá e se torne uma referência de memória e história para a comunidade maricaense.

VALORES

Ética e valorização da dignidade e da experiência humana
Diálogo permanente com seus públicos externo e interno.
Inovação e entusiasmo.o com ideias, métodos e ações contemporâneas. Articulação entre pesquisa, preservação, comunicação e formação. Contribuição para a transformação cultural, social e ambiental da cidade.

Expediente

Jornalista Responsável:
Fátima Moura SRTE32802

Edição:
Fátima Moura
ICTIM - Coordenadora de Comunicação
Jéssica Mattos
SECOM - Secretaria de Comunicação de Maricá

Fotografia e Arte
Fátima Moura

Historiador Responsável:
Prof. Cezar Marins Brum

Museóloga Responsável:
Blanca Dian

Colaboradores do Museu:
Adailton Silva Jr
Daniele Padilha
Daniel Melonio
Valmir Joaquim

Contrapartida
Mariana Marins
Jorgina Fernandes
Roberto Cassiano

Estagiários do Museu:
Kaio Mendes
Rychard do N.Ferreira
Maria Camiris

Colaboradores da Incubadora Cultural:
Fátima Moura
Jéssica Cardoso
Érica Felipe
Marcos Pereira
Moratti Bianco
Marinete Rodrigues
Lucineia Nascimento

E-mail assessoria de imprensa:
museuhmcomunicacao105@gmail.com

Página do Museu na Prefeitura:
<https://www.marica.rj.gov.br/orgao/museu-historico-de-marica-mhn/>

MARICÁ DO SÉCULO XIX E OS PESQUISADORES EUROPEUS

Fragmentos históricos retirados do Livro do Prof. Cezar Marins Brum



Entre o final da colônia e o início do império, Maricá recebeu a visita de ilustres europeus, que realizando expedições científicas e/ou comerciais percorreram o território maricaense. Em seus trabalhos deixaram um grande legado o qual contribuiu muitíssimo para a construção historiográfica. Os mais importantes: John Luccok, Maximiliano Niuwied, Charles Darwin e Francis de Castelnau.

JOHN LUCCOK, passagem em 1820. Em seu trabalho publicado, “Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais no Brasil”, 1813, descreve a região montanhosa de Icaraí até a Fazenda de Itaocaia. Nesse período as ilhas de Maricá eram conhecidas por “Ilha dos Contrabandistas. Em um relato de costumes afirma que “o sentimento da obrigação de devolver aquilo que se acha, predomina muito (...) De uma vez que andava eu por praia, pouca distância de algumas cabanas de barro, encontrei uns poucos pratos amarelos e uma trouxa de roupas de mulher, que ofereci a uma preta, que chamei, esta, porém, replicou no mesmo instante, que os “objetos não me pertencem”, recusando-se, se afastou do alcance da maré!” (Luccok 1975:208). Faltou conhecimento a Luccok dos costumes e rituais religiosos afro-brasileiros. Os pratos amarelos e a trouxa de roupas seria, provavelmente, uma oferenda ou despacho de alguma Nação de Candomblé, provavelmente nagô, já praticada nas imediações da Barra e Ponta Negra. Quando a mulher pronuncia a frase “não me pertence”, queria dizer que era uma oferenda para “alguma” entidade religiosa (MELLO, Marco Antonio – 1995).

MAXIMILIANO NIUWIED, príncipe alemão, que visitou a Vila de Maricá em 1815 com numerosa expedição composta por dois importantes cientistas, os botânicos Frederich Seillon e Georg Willelm Freireyss. Os relatos constam no trabalho “Viagem pelo Brasil...” A expedição partiu do bairro de São Cristóvão, passando por Niterói, São Gonçalo, Guaxindiba até chegar a Maricá. Por toda parte Palmeiras e as magníficas árvores da região se entrelaçam tanto com as trepadeiras que era “impossível a vista penetrar aquela espécie de muralha verdejante” (Wied-Neuwied, 1940:47). Flora e fauna destacam-se pelas “belíssimas tonalidades de flores e plantas como, o coral das bromélias, o verde-amarelo das bananeiras, as cascas ásperas que cobriam os troncos das árvores, estas tão altas que às vezes não conseguiam ser atingidas por balas de espingarda direcionadas aos pássaros que estavam no seu topo”, ficando praticamente sem saber para onde olhar. No trabalho “Descrição do Município de Maricá”, de Álvares de Castro A recém criada “Vila de Santa Maria de Maricá”, formada por casas baixas, torneando a igreja de Nossa Senhora do Amparo. Próximo constava lavoura de feijão e milho, coexistindo com o café.



CHARLES DARWIN, por volta de 08 de abril de 1832 a equipe do naturalista inglês chega a Itaocaia. Durante o trajeto para Maricá o cientista observou choupanas de negros, que assimilavam as habitações dos hotentotes encontrados na África do Sul. Observaram grandes montanhas de granito, também no local permaneceu por longos anos um quilombo de negros fugidos, auto suficientes em alimento, mantinham uma pequena lavoura de subsistência. A repressão da guarda imperial encontrou os “negros fujões”. Os soldados reconduziram por uma escolta. Dando-se a extinção do quilombo, “uma velha escrava, no entanto, preferindo morrer, à vida miserável que vivia, lançou-se do alto do morro, indo despencar-se contra as paredes da base.”(DARWIN, Charles - 1937). Dirigiam-se ao vendeiro perguntando sobre alguma coisa para comer, ele respondia: “qualquer coisa que quiserem senhores!” Assim nova pergunta: “pode fazer-nos favor de servir peixe? ”Peixe? Não senhor!”; “Sopa?”; “Não senhor!”; Pão?; “Não senhor!”; “Carne Seca?”; “Oh! Não senhor!” (DARWIN, Charles - 1937). Continuando a conversa o vendeiro responde que com sorte após duas horas conseguiria servir frangos, arroz e farinha. No entanto os viajantes tiveram de abater as galinhas a pedradas, para o almoço ser servido. O grupo, com fome, ao solicitar comida a mesa recebiam uma desagradável resposta: “fica pronto quando estiver pronto.” .”(DARWIN, Charles - 1937). Não insistiam com medo de ser mandado embora dali.

FRANCIS DE CASTELNAU, Após pouco mais de dez anos da visita de Darwin Francis de Castelnau, que chegou ao Brasil em 1843 visitou boa parte do território da província do Rio de Janeiro, inclusive a “Vila de Santa Maria de Maricá”. Em seu trabalho “Expedições as regiões centrais da América do Sul, volume I”, publicado originariamente em Paris 1850 a 1857 e no Brasil em 1849, descreve as restingas que existiam na fronteira Niterói e Maricá, destacando as riquezas minerais e animais, sendo a segunda “Deliciosas quão variadas, dignas de um pincel de artista”. O cientista lamentou sua deficiência nos “dons artísticos, perdendo assim a oportunidade de mais tarde rever todas aquelas belas cenas da natureza”, salientou que a vegetação era uma das mais ricas, embora a estação não fosse propícia para a coleta botânica. Contudo, uma vez em Itaocaia na visão do geógrafo um “grande espetáculo de outro gênero”, viria a acontecer, “penetrando na casa, onde um francês nosso conhecido estava encarregado da compra de nossos burros, por infelicidade também de nossas cangalhas. Vi-me, de repente, no meio de negrinhos de todos os matizes, mais ou menos nus, que saltavam e cabriolavam nos corredores como camundongos numa gaiola. Eram os filhos dos escravos da fazenda, cuja multiplicação o bom diretor se comprazia em favorecer dispenso-lhes até olhares paternais. Era o único de sua cor no meio de quatrocentos negros, que ele governava despoticamente, zelando-os ao mesmo tempo como filhos.”(Castelnau-pág.62/63 1949). Francis Castelnau destaca ainda que além do cultivo agrícola, as quatro centenas de escravos, a Fazenda de Itaocaia na época possuía diversificadas atividades produtoras ali existentes como fábrica de açúcar, aguardente e louça de barro. Deste modo o Marquês de Praia Grande conseguia uma renda anual de cinqüenta mil francos. Francis teceu comentário sobre o prazer que sentiu com a sua visita a restinga vizinha de Itaocaia, denominada Itaipuaçú. ■

Miguel Padilha, Presidente Mirim do Instituto Histórico, Geográfico e Ambiental de Maricá - IHGAM



Maio é o mês de lembrar a quebra das correntes e, por consequência, o início de uma nova jornada para um povo arrancado de sua terra e escravizado no novo continente.

Nos dias anteriores a abolição, os parlamentares passaram um tempão decidindo se a Lei Áurea seria aprovada. O projeto de lei era de autoria de Rodrigo Augusto da Silva e foi apresentado ao Senado no dia 11 de maio. Rodrigo Augusto disse que o projeto de lei vinha “da parte de Sua Alteza Imperial”. O Brasil era a única monarquia da América do Sul e escravista. Foi votada durante os dias 12 e 13 de maio. A lei foi aprovada na manhã do dia 13 e agora só dependia da assinatura da Princesa Regente D. Isabel, que desceu de Petrópolis depois do almoço para assiná-la. Uma multidão estava esperando a Princesa Isabel fora do Paço Imperial. Pelas 15h00 ou 15h30, a Princesa Isabel assinou a lei que pôs fim a escravidão no Brasil. A respeito da abolição Lima Barreto diz que estava “sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia”.

Naquele dia 13 de maio, começaram-se as festas da abolição nas ruas do Rio de Janeiro e de todo o Brasil. Todos os órgãos públicos fecharam. Colégios, alfândega, bares, confeitarias e correios. Os ex-escravizados saíam pelas ruas cantando cantigas, e dando vivas à redentora dos escravos (Princesa Isabel). O Rio de Janeiro ficou “de cabeça para baixo”. No dia 17 de maio, foi promovida no campo de São Cristóvão uma missa campal, que recebeu 30 mil pessoas, e entre elas, estavam a princesa Isabel, seu esposo, o Conde D’Eu e muitos abolicionistas. A respeito dessa missa, Lima Barreto, que tinha 7 anos de idade, diz:

Houve missa campal no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai, mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a “primeira missa”, de Victor Meireles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... Houve o barulho das bandas de música, de bombas e girândolas, indispensável aos nossos regozijos; e houve também prêmios cívicos. Anjos despedaçando grilhões, alegorias toscas passaram lentamente pelas ruas. Construíram-se estados para bailes populares; houve desfiles de batalhões escolares e eu me lembro que vi a princesa imperial, na porta da atual prefeitura, cercada de filhos, assistindo aquela fileira de numerosos soldados desfilando devagar. Devia de ser de tarde, ao anoitecer.

me parecia loira, muito loira, maternal, com um olhar doce e apiedado. Nunca mais a vi e o imperador nunca o vi, mas me lembro dos seus carros, aqueles enormes carros dourados, puxados por quatro cavalos, com cocheiros montados e um criado à traseira. Eu tinha então sete anos, e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Nunca conheci uma pessoa escrava.

Lima Barreto escreveu esse relato para o jornal Gazeta da tarde (edição de 04 de maio de 1911). Ele tinha sido levado à missa pelo seu pai, o professor João Henriques de Lima Barreto.

Até agora não vimos nada demais, mas uma coisa impressionante que aconteceu foi no dia 14 de maio, quando os escravos foram libertos e abandonados à própria sorte. Muitos culpam D. Isabel por não ter indenizado os ex-escravos, mas ninguém pensou. Não era uma preocupação da época indenizá-los, essa é uma preocupação da nossa época. Existe uma carta fake escrita pela princesa Isabel e direcionada ao marques de Santa Victória, dizendo que a coroa iria indenizar os ex-escravos, mas é uma carta fake.

Fontes bibliográficas e sites eletrônicos acessados:

GOMES, Laurentino. *Escravidão-Volume: III: da Independência do Brasil até a assinatura da lei Áurea*/ Laurentino Gomes. - São Paulo: Globo Livros, 2019.

[Scielo.br/j/rbh/a/nLcLmkyPqsw9dWC3JZGJkng/?lang=pt](https://scielo.br/j/rbh/a/nLcLmkyPqsw9dWC3JZGJkng/?lang=pt)
Consultado em 01 de junho de 2023

[YouTube.com/watch?v=dxDUZpqtbrA](https://www.youtube.com/watch?v=dxDUZpqtbrA)
Consultado em 31 de maio de 2023



PROGRAMAÇÃO CULTURAL DO MUSEU

Projeto "Exposição Cultural de Artistas maricaenses"

A artista plástica e fotógrafa Valéria Policarpo expõe suas obras, nesse mês de julho, para que os maricaenses conheçam a mulher que conseguiu, por meio da arte, se libertar de um casamento opressivo e assim reerguer sua vida profissional.

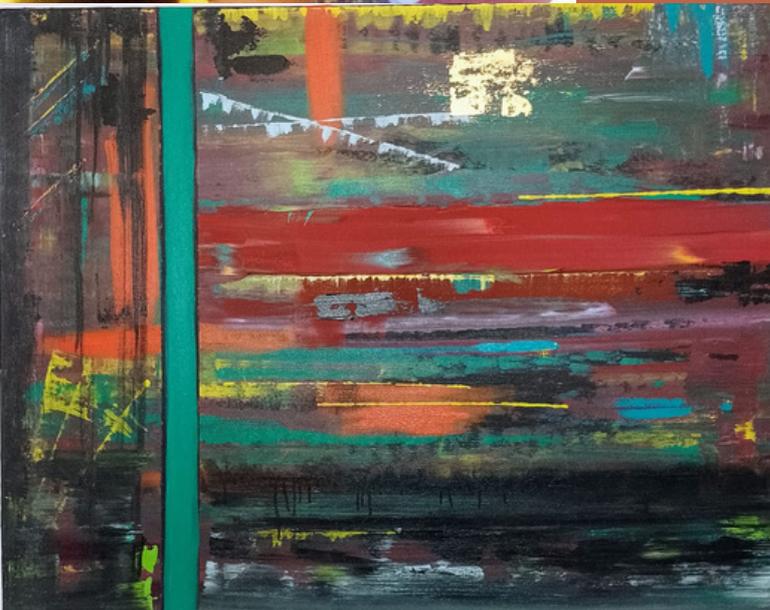


VALÉRIA POLICARPO

De origem humilde, nascida na cidade de São Gonçalo, precisou trabalhar desde muito cedo. O primeiro contato com a arte, em forma de fotografia, aconteceu após trabalhar por muitos anos como atendente em uma loja do ramo fotográfico. Fez um curso dentro da área e exerceu a profissão por alguns anos até descobrir sua paixão pela pintura.

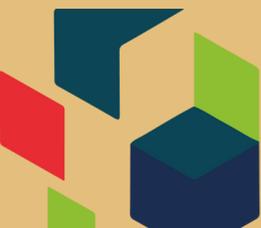
Os quadros de Claude Monet a despertou para as Artes Plásticas. A autodidata então começou a produzir as suas próprias obras encontrando no abstracionismo e paisagismo sua expressão.

Após seu divórcio sentiu um novo impulso natural conduzindo-a ao retorno da dedicação a sua arte.



Contabiliza em seu currículo inúmeras exposições. Empossada como membro na Academia de Artes, Letras e Ciências de Niterói, recebe prêmios e honrarias. Hoje também reconhecida e premiada internacionalmente nos agracia com suas obras expondo no Museu Histórico de Maricá.





INCUBADORA DE
INOVAÇÃO SOCIAL
EM CULTURA



JOVENS MARICAENSES TÊM AULAS VOLTADAS PARA MÚSICA E CULTURA CARNAVALESCA

Imagine um cenário: crianças, jovens e adultos tendo a oportunidade de aprender, de forma gratuita, a tocar um instrumento musical, fazendo parte de um contexto representativo e identitário de uma cultura, vivenciando o aprendizado de uma escola de samba e de um bloco de carnaval.

Isso é real e acontece aqui em Maricá, nos cursos e oficinas oferecidos pela Incubadora de Inovação Social em Cultura, projeto da Prefeitura de Maricá, realizado através do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM), em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e o Instituto Brasil Social (IBS).

Através dos parceiros Escola de Samba Mirim Pimpolhos da Grande Rio e Bloco Ilê Aiyê, o eixo Carnaval promove muito mais do que qualificação, mas também o fortalecimento da autoconfiança e da autoestima e o despertar da curiosidade em crianças, a partir dos 10 anos de idade, jovens e adultos. No projeto, a oferta de diversos cursos e oficinas voltados ao setor do Carnaval, como os de Percussão, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Cavaquinho, Canto e Composição, entre outros.



Ao participarem das aulas, os alunos são apresentados a um novo cenário e incentivados a descobrir e explorar as diferentes formas de expressão artística e o vasto campo de possibilidades que o setor cultural oferece para a formação profissional futura. Além de ser uma possibilidade de promover a valorização da diversidade e o respeito às diferenças



A formação cultural é necessária para o desenvolvimento humano. Investir nessa área, desde a infância, é fundamental para a construção de uma sociedade culturalmente rica e diversa.

Reconhecendo essa importância, as oficinas e cursos do eixo Carnaval desempenham um papel significativo.



Em breve, novas turmas terão início com a oferta de uma variedade de cursos e oficinas. Mais informações através do site www.incubacultura.org.br ou presencialmente, na sede da Incubadora de Inovação Social em Cultura, localizada na rua Álvares de Castro, nº 699, Centro - Maricá (na Praça Orlando de Barros Pimentel, em frente à Casa de Cultura).





MARICÁ E SUAS HISTÓRIAS

2018 A ALTERNATIVA QUE DEU CERTO

O MENINO POBRE QUE COMIA BAGRE NO RIO MUMBUCA E SE TORNOU PREFEITO DE MARICÁ

Nascido no dia 30 de maio de 1971, em um casebre “pau-a-pique”, em Niterói, complexo de favelas do Caramujo, chega a Maricá, com 10 anos de idade, para residir no bairro pobre da Mumbuca, mas “de gente simples e bacana” (Washington Quaqué). Uma vasta literatura sobre o período ditatorial pós 64, enxurrava as livrarias, “assim eu li nesta época Frei Beto com suas cartas de prisão e Fernando Gabeira com Nós que amávamos tanto a revolução” (Quaqué).

Devido ao perfil sócio econômico, cultural e principalmente ideológico do Prefeito Washington Quaqué (2016) e ao modelo e filosofia de governo, radicalmente diferenciado dos que até então tinham governado o Município, principalmente, por ter “rompido”, e até mesmo, porque não lhe afirmar “partindo para o confronto”, com setores socioeconômicos tradicionais e conservadores da cidade, a partir da implementação de políticas inovadoras audaciosas (algumas até então “consideradas como tabus sociais”), pode-se considerar que Quaqué deu início a uma nova era administrativa, em Maricá.

Washington Quaqué, audaciosamente, venceu a última batalha de uma “guerra” interna antiga entre facções ideológicas, (talvez “muda” e invisível ao eleitor comum de Maricá e do Estado), existente dentro do Partido dos Trabalhadores do Estado, contudo, o outrora jovem radical de esquerda que realizou uma trajetória muito similar ao maior ícone do PT (LUIZ INÁCIO DA SILVA “LULA”), após uma série de derrotas eleitorais, com o decorrer dos anos, sem abandonar os objetivos ideológicos principais, tornou-se pragmático, negociador político talentoso, liberou-se da dialética rançosa, romântica e aventureira (comum a todos os jovens e adolescentes, principalmente de esquerda, iniciantes na política). Reestruturando a Administração, criando novos cargos e órgãos, competências e outras providências.

Foram criadas 5 secretarias executiva as quais estão supervisionando, controlando e coordenando as antigas secretarias, agora denominadas secretarias adjuntas. Neste sentido, vai-se aqui relacionar os cinco principais Núcleos e seus titulares: I - Secretaria Executiva de Gestão do Gabinete do Prefeito e Articulação Governamental, II – Secretaria Executiva de Gestão de Governo; III – Secretaria Executiva de Gestão de Infraestrutura Urbana; IV – Secretaria Executiva de Gestão do Desenvolvimento Econômico, Indústria Comércio e Petróleo; V – Secretaria Executiva de Gestão das Políticas Sociais. Seis Secretarias para o social foram criadas, contudo, por se encontrarem em fase de implementação e estruturação (julho 2015), será feita citação dos nomes e seu titulares: I - Assuntos Estratégicos; III - Atividades Recreativas; IV - Mobilização Olímpica; V - Políticas Especiais; VI- Economia Solidária e Combate a Pobreza.

Produção



Apoio



PREFEITURA DE
MARICÁ